

N.º 33 - LISBOA, 27 DE AGOSTO

1.º
ANO
1933

PARODIA

COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se ás quintas-feiras

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da

PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA

PREÇO AVULSO 20 RÉIS

Um mez depois de publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 nm. 1\$500 rs
Semestre, 26 numeros..... 8\$00 rs
Cobrança pelo correio..... 1\$00 rs

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO

Minerva Peninsular

82, Rua do Norte, 82

IMPRESSÃO

Lithographia Artistica

Rua do Almada, 32 e 34

DAR DE VESTIR A QUEM TEM FOME



ELLA — Já não tenho mais fato para comer...

ELLE — Olha, come a camisa!

ELLA — Oh! isso não! nunca! E a decencia?!

Breves considerações sobre a imprensa nas suas relações com a arte dramatica

A empresa do theatro da Trindade retirou os seus bilhetes ao *Jornal da Manhã*.

O *Jornal da Manhã*, por seu turno, eliminou das suas columnas, os annuncios do theatro da Trindade.

Quando isto succede entre a empresa de um theatro e a empresa de um jornal, dá se um conflicto.

Este conflicto veio a lume.

Immediatamente a imprensa tocou a reunir e alguns dos seus órgãos mais excitados, lançando a luvra aos empregarios dos theatros, ameaçaram-nos de dizer a verdade inteira sobre o character dos seus espectaculos, o exito das suas obras e o merito dos seus artistas, se se repetisse o facto que acaba de se dar com o *Jornal da Manhã*, isto é, se os dois bilhetes de entrada, correspondentes a cada uma das folhas periodicas, que constituem a imprensa, deixarem de se encontrar punctualmente á disposição dos seus respectivos redactores.

Aproveitando o ensejo, a imprensa deplorou que os empregarios theatraes não mostrem por tão illustre instituição a consideração a que ella tem direito.

Em rigor, o raciocinio é este:—se, como o reconhece a imprensa, a Verdade tem estado assolapada mercê de um certo numero de bilhetes de entrada nas casas de espectaculos, — a imprensa não tem direito a consideração alguma. Uma verdade que se vende por dois logares da Superior, ou seja por 20040 réis, é uma triste verdade.

Mas sempre na mesma ordem de idéas, a imprensa accrescenta a estes protestos que a dependencia dos empregarios dos theatros é para com ella de tal maneira effectiva e rigorosa que no dia em que ella deixar de ser optimista, os seus espectaculos deixarão de ser frequentados e elles cairão em fallencia, porque—diz ella— a base de todo o exito é a publicidade da imprensa.

Embora incorrendo nos anathemas dos nossos illustre confrades, a quem nos prendem tantos laços de estima e solidariedade, permittir-nos-hemos discordar d'esta asseveração.

Com effeito, o que vemos nós em Portugal?—Que a imprensa presta apoio a tudo o que a opinião publica repelle.

Na sua grande maioria, a imprensa portugueza presta apoio aos governos.

Systhematicamente, a opinião repelle-os.

Cada um dos dois partidos que se revezam no poder tem uma imprensa numerosa que os exalta e defende.

Comtudo, o descredito d'estes dois partidos, assim fortemente apoiados pela publicidade dos seus jornaes, é cada vez maior.

Quotidianamente ella promove a gloria de successos, que todos os dias a opinião repelle com antipathia.

Quotidianamente ella promove a gloria de individuos, que todos os dias a opinião regeita.

Methodicamente, procura demonstrar a probidade dos corruptos, o genio dos incompetentes, a superioridade dos mediocres, a philantropia dos charlatães, a bravura dos pusillanimes.

Pela grande força da sua publicidade, a imprensa constroe todos os dias o edificio de uma reputação nova.

Todos os dias, esse edificio vae abaixo.

Todos os dias a opinião publica desfaz o que a imprensa fez na vespera.

Todo o vasto insuccesso da nação, não o consegue destruir a imprensa com o seu optimismo, como — ai d'ella! — não consegue destruir os insuccessos litterarios e artisticos.

O numero dos litteratos que ella tem proclamado é infinito, mas a litteratura está cada vez mais pobre.

Os triumphos d'arte que ella vem referindo não tem conta, mas a arte está em plena derrota.

E' ella que arrasta o publico aos theatros?

E' possivel. Mas não é ella que faz applaudir.

A opinião da imprensa é nulla para os exitos de scena, como para todos os outros. O optimismo das suas apreciações não impede que o publico se affaste com tedio dos seus espectaculos.

Aqui está.

O nosso jornal d'hoje não tem mais poder do que uma parede nua onde se colle um cartaz.

O nosso jornal d'hoje é um avisador.

O nosso jornal d'hoje é, quando muito, uma agenda.

Nada mais.

Porquê?

E' simples.— Porque o jornal, como tudo, como todas as coisas, se corrompeu e foi na onda de descredito que envolveu tudo — homens e factos.

O jornal perdeu a gloria da superioridade moral, porque deixou de ter uma missão puramente evangelisadora.

O jornal perdeu o prestigio da superioridade intellectual porque, para se vender melhor, desceu ao nivel da incultura publica, banii o homem de lettras e recrutou o seu pessoal

na turba-multa dos *déclassés* sem aptidão e sem emprego.

A opinião publica procura-o ainda para saber muito incompletamente o que se passa, mas não o procura para mais nada.

Aqui está porque o jornal se desqualificou — porque renunciou ás suas nobres tradições e pactuou com a dissolução de cima.

Senão—vejamos.

Porque faltaram dois bilhetes de theatro á redacção de um jornal, produziu-se um vasto clamor em toda a imprensa.

Comtudo essa imprensa tão prompca em ser solidaria, ainda não se reuniu para reclamar n'um grande movimento de solidariedade, a liberdade de que a despojaram e sem a qual ella não tem o direito de invocar nenhuma das prerogativas de que tanto se ufana.

Eis aqui, eis aqui porque os empregarios de theatros lhes retiram tão desenvoltamente os seus bilhetes: porque á sua frente, ennobrecendo-a e tornando-a superior a esses ridiculos ataques, não estão nem Thiers, nem Armand Carrel, nem Barbès, nem Girardin, nem Vallès, nem Rochefort, nem aquelles que entre nós se chamaram Rodrigues Sampaio, Teixeira de Vasconcellos, Andrade Corvo, Latino, mas sombras, sem consistencia e sem ponderação.

Reconhecem os jornaes que se fazem representar por vezes muito imprpropriamente nas casas de espectaculo.

Ingenuo equivoco!

O prestigio da instituição da imprensa não vem da sua representação individual junto do publico, mas da sua representação moral e intellectual na sociedade e no tempo.

Um jornal pôde eventualmente ser representado por um moço de fretes e ser ao mesmo tempo uma força social.

JOÃO RIMANSO.



Na igreja de ...

Vae festa, rija festa, n'esta igreja!
Sonoras guincham duzias de rebecas,
Rezam santos latins quatro padrecas
A' porta o sacristão mostra a bandeja.

Nos devotos não basta, até sobeja
A contricção de velhos já carécas;
Nos que bebem nas hortas por canecas
A fé se alenta e puramente alveja.

Os cantores ali não tem preguiça;
Ha janotas com seu livro de missa;
Espera-se um sermão muito erudito...

E, na torre dos sinos engrupado,
Um discipulo de Eutherpe enbarrachado
Repica alegremente o *pirolito*.

OUTRA NA FERRADURA

Annuncio do *Seculo*, na semana passada:

Redactor

«Para um jornal que vae sair por estes dias, precisa-se de um redactor, com bastantes habilitações — Escrever dando todas as indicações para Z. X. na agencia de annuncios da rua do Ouro, 30.»

Fica assim aberto o precedente e d'ora ávante, será licito lêr nos jornaes:

Melo redactor

Preciza-se, dando abonações.

Ou:

Homem de letras

Preciza-se, para voltas

Ou

Escripitor publico

Offerece-se, com pratica de mercearia.

Ou:

Redactor principal

Independente, com porta para a escada e serventia de cosinha. Offerece-se.

Ou:

Publicista

Chegado da provincia. Sabe fazer o trivial.

Lagos, 21 — Está resolvido o prolongamento da linha do caminho de ferro de Portimão a Lagos, para abastecimento das esquadras que, de futuro, tenham de se abrigar n'esta baía.

Ora até que emfim que a alliança ingleza começa a servir para alguma coisa!

Um correspondente de Beja informa que ao partir o comboyo que conduzia a senhora D. Maria Pia e o sr. infante D. Affonso, as pessoas que se encontravam na *gare* se descobriram respeitosaemente, o que—accrecenta—«sua magestade e alteza agradeceram inclinando a cabeça e sorrindo repetidas vezes».

A informação deve ser em mais de um ponto verdadeira.

Comtudo, o sorriso repetido do sr. infante é para ser posto de quarentena.

Não importa! Na provincia, a realza causa sempre d'estas surpresas.

Ao todo, telegrapham com orgulho de Lagos, estão aqui seis navios de guerra portuguezes.

Ao todo—é bem de um povo de brilhantes tradições.

Mas afinal está o *D. Carlos* e está o contra-almirante Moraes e Sousa, que é tudo o que temos como representação naval, áquem e além-mar.

O *D. Carlos* e o sr. Moraes e Sousa — são a ante-sala de Portugal nos mares.

A' ultima hora vem a noticia da chegada a Lagos de um torpedeiro portuguez.

O n.º 2.

O n.º 1 está a ares — em Paço d'Arcos.

Embora!

Uma esquadra ingleza vem a Lisboa agradecer a cendencia das costas portuguezas, o que faz exclamar a uma folha politica da manhã: «Pequenos como somos, ainda valem.»

Uma massada! como dizia Gonçalo Mendes Ramires, da illustre casa de Ramires.

A proposito de Gonçalo Mendes Ramires.

Appareceu agora outro — D. Armando Bramão.

Assim como Gonçalo Mendes contou a Torre de Ramires e as façanhas de D. Tructesnido Ramires, assim D. Armando Bramão referiu nas columnas contemporaneas das *Novidades*, o caso remoto de D. Ruy — *A Vingança de D. Ruy*.

Um excerpto:

«Segundos depois, de semblante risonho, affastava-se n'um fogoso corsel, que proximo pascia as tenras hervinhas, indifferente aos odios terrenos.»

Este «corsel que proximo pascia as tenras hervinhas, indifferente aos odios terrenos» não é o murzello do antepassado — é a pileca do descendente.

Alguns jornaes celebraram com enthusiasmo o anniversario da batalha d'Aljubarrota.

E' o que se chama caminhar na vanguarda da civilisação.

O FERRADOR.

Um alfayate que entende da poda

Um velhote de Cezimbra,
Cheio de paterno amor,
Metteu um filho em Coimbra
P'ra dar amanho a um doutor.

O rapaz quer aprender;
E tanto a memoria aguça,
Que doutor consegue ser,
Sem o ser da mula ruça.

Chega a conquistar capello
(Isto sem favor, notae!)
E, depois de o ter no pello,
Vem visitar o seu pae.

Fervem n'aquelle momento
Expansões de mór quilate;
E o pae, um tanto avarento,
Manda chamar o alfayate.

«— Senhor mestre d'alta proa,
Esmere quanto souber;
Que: o uma casaca boa
Do melhor panno que houver.

Dê-lhe o possivel em brilho;
Ponha-lhe galão dourado:
— É para quando meu filho
Chegue a ministro d'Estado»

O alfayate entra em manobra,
Chega á maior perfeição;
E até consta que fez obra
Capaz de ir á exposição.

Não fez nenhuma borjaca,
Fez requinte de primores...
E escolheu para a casaca
Um panno de furta-côres.



Ascensão

Diz-se e annuncia-se que na ultima ascensão de mr. Carton subirá uma dama de boa sociedade.

Que essa dama só tirará a mascara—porque apparecerá mascarada—na occasião de subir ao ar.

Uma dama de boa sociedade, com tanto pudôr e de balão... não pôde ser outra: é a *Carta Constitucional*.

A subida á um pleonasmo; ha muito tempo que abalou por ares e ventos.

Boa viagem.



Toleima d'um salolo

Um *alho* que valia résteas d'alhos,
Pois no *caco* mostrava novos brilhos,
Lembrou-se de vencer mil empecilhos,
Emprehendendo titanicos trabalhos,

Profundou da sciencia os mil atalhos,
Entrou por diversissimos carrilhos...
Té se esqueceu de dar o pão aos filhos
Impassivel ouviu da esposa os ralhos!

Sabiamente escreveu livros aos mólhos,
Dando sapientissimos conselhos
Para o mundo saber fugir de escolhos!

Leu trezentos milhões de livros velhos,
Cançou a idéa, escangalhou os olhos...
Mas viu que quiz endireitar chavelhos!!!

NO CASTELLO DE CORNEVILLE

A herança de Leão XIII

Os cardeais Rampolla e Mocenni, testamenteiros de Leão XIII, acompanhados pelo notário do Vaticano e de alguns altos funcionarios, procederam na noite de 13 ao levantamento dos sellos das portas dos aposentos de Leão XIII e procederam ao inventariar.

Não suppunham encontrar dinheiro, porque, alguns dias antes da sua morte, o papa entregara as chaves do cofre a moasenhor Angelo, que tirou 30 milhões e os depositou no Banco de Roma.

Encontraram-se algumas joias, e, por detraz dos quadros, na parede, e escondidos entre varias roupas, descobriram ainda 800.000 francos em titulos francezes e estrangeiros. Estes titulos devem ter sido esquecidos, porque teem ainda coupons de annos atrazados. Em novas buscas nada mais se encontrou.

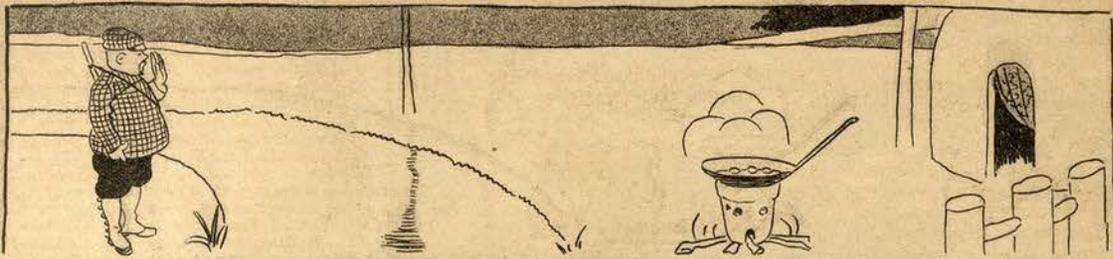


RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

O TIO GASPARE

O OVO ESTRELLADO

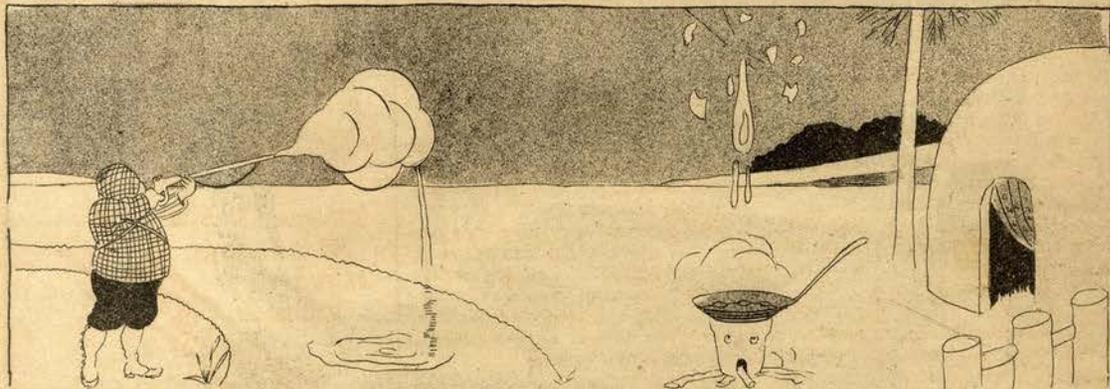
(Ultimas noticias de Cabo Verde)



O nosso amigo Faz-Tudo, que acaba de chegar de Cabo Verde, refere-nos o seguinte :— «Passava eu, a uma legua de S. Thiago, por um pobre casebre, quando vi—que miseria!—uma frigideira frigindo ao ar livre tres pedacitos de toucinho.



Pobre gente! exclamei eu. Tres pedacos de toucinho! A Associação Commercial por certo ignora isto... D'outra fórma já lhe tinha dado providencias... Felizmente, trazia commigo o ovo de Colombo e zás! atirei-o ao ar—porque é preciso dizer que entre mim e a frigideira havia um riacho.



Depois, levei á cara a espingarda e pum!—dei um tiro no ovo. Sabem como eu atiro!... Tão boa pontaria foi ella que o ovo abriu-se mesmo em cima da frigideira.



Um successo!... Os famintos, que estavam dentro do casebre á espera do espectáculo do Colyseu, accorreram logo, e descobrindo na frigideira uma magnifica omelette de toucinho, desataram a dar vivas ao sr. Pimentel Pinto... Eu, já se vê, modestamente, raspei-me.

A CIDADE MORTA

E' costume dizer que Lisboa — de verão — é uma cidade morta.

Está por demonstrar que ella seja de inverno — uma cidade viva.

Mas vejamos afinal — porque está ella morta?

Diz-se que ella está morta, porque é costume abandonarem-n'a no verão a côrte e o governo, os nobres e os nobilitados, os ricos e os enriquecidos, o alto functionalismo, os adventicios, os janotas, os aventureiros, os jogadores e um certo numero de enfermos de ambos os sexos.

Despojados d'esta parte da população, a cidade morreu. Não tem vitalidade, não tem movimento, não tem sangue.

O que quer isto dizer?

Quer dizer que a cidade não é a sua população estavel e laboriosa, que vae todos os dias á officina e á repartição, mas a sua população forasteira, que entra e sae ao sabor da chuva e de bom tempo.

Lisboa está morta, quer dizer — fechou S. Bento.

Lisboa está morta, quer dizer — fechou S. Carlos.

Lisboa está morta, quer dizer — calou-se o sr. Cayolla.

Lisboa está morta, quer dizer — partiram para Vichy o sr. visconde da Espinhosa e o sr. Mello dos predios.

Em occorrendo estes successos consideraveis, logo se declara a crise e começa a faltar tudo — o ar e o asumpto.

Os jornaes declaram não ter que dizer — Se está tudo para fóra!

Paralisa-se a vida nacional. A Politica dá-se treguas. Os pamphletarios bocejam. O sr. Emygdio Navarro larga o estadulho.

Abalou tudo.

Quem fica em Lisboa?

Ficam a Baixa, o Bairro Alto, seis *habitués* do Jansen, o dr. Tabordinha e alguns porteiros ociosos.

Esta parte da população é a parte desdenhavel. E' aquella da qual se diz — *ninguem!*

— Quem está em Lisboa?

— *Ninguém!*

Transita comtudo alguma gente pelas ruas. Uma ou duas salas de espectáculo logram encher-se n'um ou n'outro domingo. Uma revista d'anno lucha heroicamente pela vida no theatro D. Amelia, despojado do visconde de S. Luiz de Braga e das suas pompas; um drama no fundo do mar refresca as imaginações no theatro da Trindade.

Não importa!

Essas turbas confusas e ignaras não saem do chato mecanismo da população.

São — *ninguem!*

Assim, a sociedade está dividida em duas classes — sociedade propriamente dita, e — *ninguem.*

Ha a sociedade que figura nos *car-nets mondain* e a sociedade que só figura nos registos de contribuição.

Entre as duas — a primeira é que caracteriza.

A segunda, soturnamente — paga. E' a Cidade Morta.



A um endirelta

Christo quiz emendar o mundo errado, Veio á terra e prégou o que é direito; Mas, em premio do seu santo preceito, Foi n'uma cruz de pau crucificado.

Gritou das ambições contra o peccado, Que calca amor e que endurece o peito; Mas seu alto prégar não fez effeito... E viu o tempo seu mal empregado.

Quem trepa á logar alto, inda hoje em dia No que fica de baixo dá carôlo, E requer Excellencia ou Senhorial...

Enxote, pois, as teias do miôto: Se Elle baldada viu sua profia, O que fará você?... Não seja tolo.



As esquadras

— Segundo dizem os jornaes, as esquadras inglezas teem feito um figurão na bahia de Lagos.

— Ellas entram, ellas saem; ellas voltam, ellas partem. Não são esquadras, são o demonio.

— Aquillo é entrar e sair com uma facilidade tal que até parece que estão em sua casa — diziam um do grupo.

Bom, lá ficam elles agora a dizer *a nossa bahia de Lagos*, como se diz, correntemente, em Londres: *o nosso Lourenço Marques.*

— E' natural: que os inglezes gostam do sitio tem-n'o demonstrado. Com um official falei eu que andava encantado com as uvas e as melancias. E, isto é o diabo, porque se o inglez gosta do sitio e prova a agua... já se sabe o que conclue.

— Que praticos...

— Terrivelmente praticos. A este mesmo official perguntava eu se voltariam a Lagos.

— E' natural, respondeu elle, o porto é magnifico para manobras.

— Mas é pobre, observei eu. De difficil desembarque... nem uma ponte...

— Ah! não faz mal, disse o inglez, isso arranja-se.

Arranja-se!

Your Lagos'bay...

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Banhos do mar e aguas thermaes em 1903. Serviço combinado entre varias estações d'esta companhia e diversas das linhas do Sul, Sueste, Beira Alta, Minho e Douro Porto a Povoia e Famalicao e Guimarães.

Viagens de ida e volta a preços reduzidos com bilhetes validos por dois mezes com a faculdade de ampliação de prazo e de detenção em diversas estações de transito.

Em identicas condições do serviço especial interno d'esta companhia para a epoca de banhos e aguas thermaes, já devidamente annuciado desde 15 de junho até 31 de outubro de 1903 as principaes estações das linhas acima mencionadas terão á venda bilhetes de ida e volta a preços reduzidos, validos por dois mezes, com destino ás diversas localidades de banhos de mar e aguas thermaes servidas pelas estações das linhas combinadas.

Demais condições e preços ver os cartazes affixados nos logares do costume.

Lisboa, 30 de Julho de 1903

O Director Geral da Companhia
Chapuy.

QUER SER PHOTOGRAPHO?

Machina photographica
com accessorios 600 réis
provincia 650 réis

Pedir catalogos illustrados

CAPAS D'A PARODIA

700 réis, empaste 200 réis

ALVES & FERREIRA

Rua Augusta, 222

Ourivesaria e Relojoaria
com officina annexa
de fabrico e
concertos

FLORINDO

Jóias

com brilhantes

Preços limitadissimos

99, RUA AUREA, 99

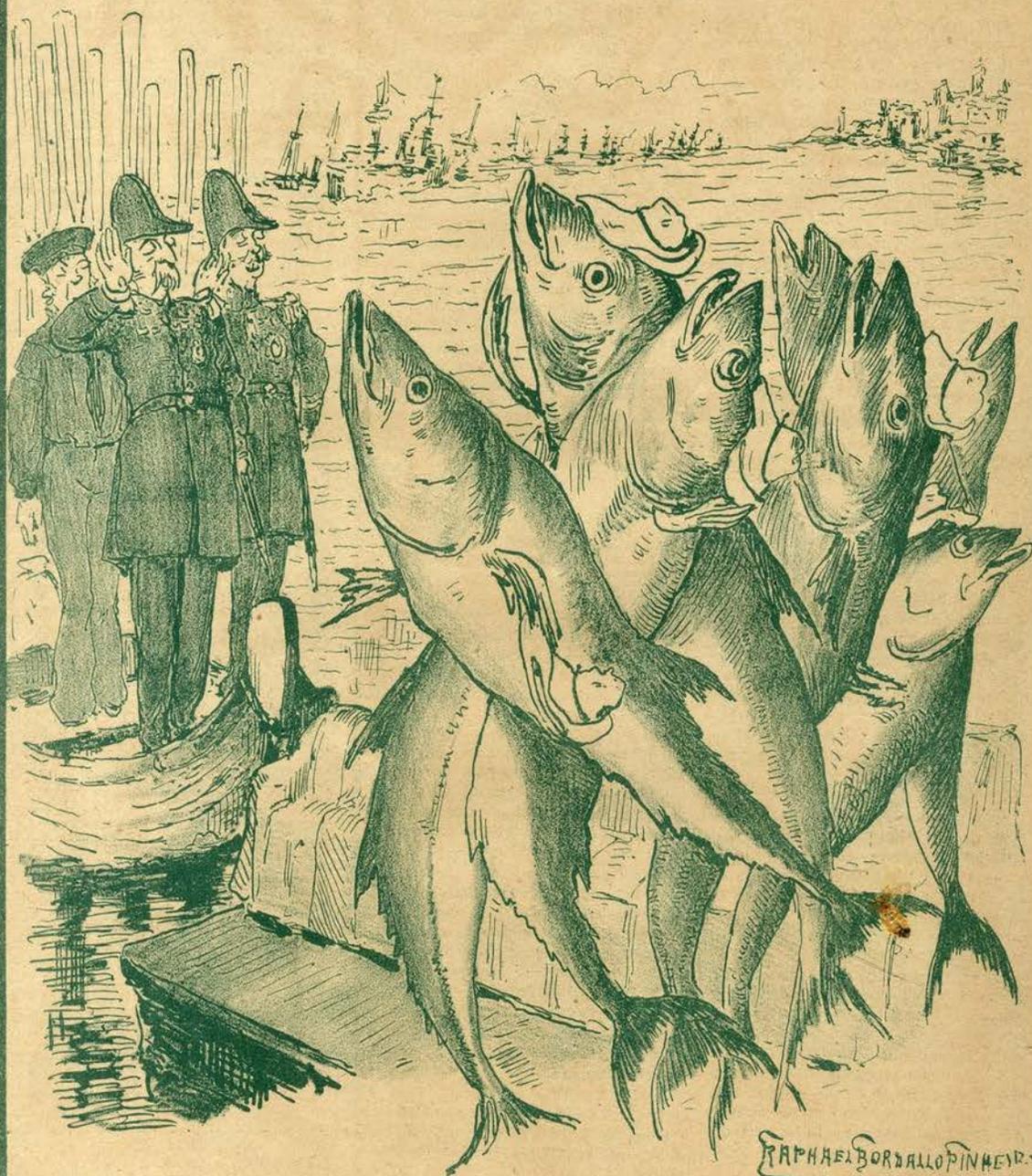
A PARODIA

Capas para encadernação do 1.º, 2.º e 3.º volumes

Preço de cada 700 réis

Vendem-se na Rua do Gremio Lusitano, 66, 1.º.

OS INGLEZES EM LAGOS



Commovente manifestação dos atuns do Algarve á esquadra inglesa.
Nota curiosa: todos os atuns quiseram ser os primeiros e nenhum o ultimo, para não se dar o caso de ser o **ULTIMO ATUM**, o que poderia parecer allusão ao esquecido **ULTIMATUM** de 1890.